

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte Comunio Braziliense Class.: Amazônia / Desmat.
Data 29/06/93 Pg.: 14 171

Desmatamento na Amazônia gera polêmica

Campinas (SP) — O bate-boca sobre os números reais do desmatamento da Amazônia agora é internacional. A exemplo do que aconteceu no Brasil em 1989 — quando os números da devastação amazônica divulgados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) foram amplamente discutidos — uma nova polêmica se instaura entre cientistas americanos e entidades ambientalistas. Na última quinta-feira, David Skole, da Universidade de New Hampshire, e Compton Tucker, da Nasa, a agência espacial americana, divulgaram um estudo feito com base em imagens de satélite, entre 1978 e 1988. O trabalho complementa os levantamentos feitos pelo Inpe de 1988 a 1992 e chega à mesma conclusão: a devastação na Amazônia brasileira foi superestimada.

Segundo Tucker e Skole, o desmatamento total da Amazônia brasileira, entre 1978 e 1988, foi de 15 mil quilômetros quadrados anuais e não de 40 mil a 80 mil quilômetros quadrados como apontavam estimativas anteriores, publicadas pelo Banco Mundial e pela Organização para Alimentação e Agricultura (FAO).

O estudo dos dois americanos está na revista *Science* de julho e ainda nem chegou às bancas, mas já foi contestado pela **Friends of the Earth** (FOE) entidade ambientalista com sede em Roma, Itália. O responsável pelo Programa da Amazônia na FOE, Roberto Smeraldi, enviou ontem à imprensa seus comentários sobre o trabalho dos cientistas americanos, onde discute a validade do estudo. Smeraldi diz que o novo estudo não computou a perda de savanas e campos; contesta a desaceleração no ritmo do desmatamento e faz confusão entre queimadas e desmatamento.

Exatamente como nas discussões brasileiras de 1989, a origem da nova polêmica está na falta de conhecimento técnico

sobre satélites e no uso político dos resultados apurados. Os levantamentos baseados em imagens e satélites têm uma margem de erro, diretamente relacionada ao fato de algumas regiões estarem constantemente cobertas de nuvens (e os satélites ambientais não "enxergam" através das nuvens). Essa margem de erro, porém, é infinitamente menor do que os erros cometidos no cálculo estatístico do desmatamento, porque nas imagens de satélite as áreas desmatadas são contadas, uma a uma, enquanto nas estimativas elas são projetadas, a partir de um estudo restrito de campo. Em outras palavras, os números baseados em imagens de satélite não são perfeitos, mas são os mais próximos da realidade.

Nem sempre, porém, essa realidade interessa. E, não raro, os números servem de brinquedo nas mãos dos políticos. Quando precisaram de um bode expiatório para amenizar seus papéis de vilões, os países poluidores usaram os números superestimados da FAO e colocaram a Amazônia em terceiro lugar no ranking do efeito estufa.